



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Classe trabalhadora e mundo do trabalho

Uma análise do polo de confecções de Colatina ES: O papel do estado

Vanessa de Oliveira da Silva¹

Resumo: A classe trabalhadora da indústria de vestuário do Espírito Santo, mesmo sendo uma das maiores do Sudeste brasileiro, é pouco pesquisada. Estudos realizados em outros polos de confecções demonstram a presença de informalidade, precarização, exploração e terceirização do trabalho, afetando principalmente as mulheres que trabalham em domicílio, cuidando dos filhos e toda reprodução da família. Essa pesquisa buscará realizar uma análise da relação Estado e Capital a partir da indústria de vestuário de Colatina, mais especificamente, o ramo de confecção, analisando como essa relação pode impactar/ter influência nas condições de trabalho das trabalhadoras da confecção.

Palavras-chave: confecções; gênero; estado; Colatina.

An analysis of the clothing manufacturing hub in Colatina, ES: The role of the state

Abstract: The working class in the garment industry of Espírito Santo, despite being one of the largest in southeastern Brazil, is under-researched. Studies conducted in other garment manufacturing centers demonstrate the presence of informality, precariousness, exploitation, and outsourcing of labor, primarily affecting women who work from home, caring for children and handling all aspects of family reproduction. This research will seek to analyze the relationship between the State and Capital through the lens of the garment industry in Colatina, more specifically, the garment manufacturing sector, examining how this relationship may impact/influence the working conditions of women garment workers.

Keywords: clothing manufacturing; gender; state; Colatina.

Introdução

A força de trabalho é uma mercadoria que seu possuidor, o trabalhador salariado, vende ao capitalista. Por que ele a vende? Para viver.

Karl Marx, “Trabalho assalariado e capital”

Colatina, em termos de área territorial, é uma cidade majoritariamente rural, localizada no noroeste do estado do Espírito Santo, a 135 quilômetros da capital, Vitória. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), a cidade possui uma população estimada de 129.301 habitantes, dos quais 80% delas residem na região urbana. Colatina é o sexto maior município em termos de área territorial e o nono maior em população do estado.

¹ Mestranda em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: vavaoliveira500@gmail.com

Até as décadas de 1960/1970, sua economia era baseada na agricultura, envolvendo principalmente o cultivo de café e a exploração de madeira. No entanto, durante esse período, a economia local foi se tornando cada vez mais urbana, principalmente após a chamada “crise do café”, ligada à crise econômica mundial dos anos 1970, que atingiu todo o país. Tudo isso levou o governo federal a decretar a erradicação de grande parte das lavouras de café, fazendo assim com que a economia do município entrasse em crise (Albani, 2012). O que levou muitos a saírem da zona rural e a migrarem para a área urbana de Colatina. Com base em suas experiências prévias, e considerando a existência de uma divisão sexual do trabalho como parte constituinte do capitalismo, os homens trabalhavam, em geral, na marcenaria, e as mulheres no ofício da costura. A partir desse momento, no entanto, sob outras condições de trabalho e vida. O que se mantém até a contemporaneidade, na qual o município tem como destaque econômico as indústrias de vestuário e moveleira². Como afirma a pesquisadora Vivian Albani (2022) em seu estudo sobre o circuito produtivo da indústria de vestuário em Colatina:

[...] dentre as atividades que se destacaram nesse período em Colatina, pode-se afirmar que a indústria de vestuário cresceu e consolidou-se após a crise do café. Com isso, Colatina passa a se inserir no circuito espacial produtivo da indústria de vestuário, e esta se torna uma importante atividade econômica para o município e a cidade tem assim um destaque nessa indústria no estado do Espírito Santo (2022, p. 49).

As contribuições apresentadas no capítulo “A lei geral da acumulação capitalista”, presente no livro “O Capital I”, Karl Marx (2013) nos ajuda a refletir e analisar um pouco esse processo e como ele funcionou e funciona de forma a beneficiar a acumulação do capital. Ao argumentar sobre a acumulação primitiva, Marx explicita como uma das condições fundamentais da produção capitalista é a separação entre os trabalhadores diretos e a propriedade das condições de seu trabalho, ou seja, a perda de seus meios de produção. Marx (2013, p. 961) afirma que “[...] a assim chamada acumulação primitiva não é, por conseguinte, mais do que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção.”, em que, de forma súbita e violenta, grandes massas humanas têm seus meios de subsistência arrancados de si e se veem lançadas no mercado de trabalho, sendo esse, um processo conservado e reproduzido em escala crescente pelo capital. Processo esse que é possível observar a ocorrência sempre

² Design, produção e venda de móveis para casa.

que se faz necessário ao capital. Como na, acima citada, crise dos anos 1970, que levou o Brasil, por exemplo, à crise do café e culminou na expropriação das terras da classe trabalhadora de Colatina - com a participação/atuação do Estado - que se viram obrigados a ocuparem a cidade e a se verem à mercê da indústria que ali se formava.

Marx (2013) explica que o Estado possui um papel essencial de garantia do processo de expropriação e consequentemente de acumulação do capital, pois o próprio Estado transformou a legislação em um “veículo do roubo das terras do povo” (Marx, 2013, p. 971). No século XVIII, por exemplo, Marx explicita que o mesmo ocorreu através das leis de cercamento da terra comunal³. Marx (2013) olhava mais precisamente para as especificidades e o contexto do momento histórico da Inglaterra, mas, ainda assim, demonstrava ali tendências gerais que funcionavam de forma a garantir a expropriação das terras das massas e a apropriação das mesmas nas mãos dos senhores fundiários, ou seja, da classe burguesa que se constituía. Assim, essa massa da população era lançada como um proletariado à disposição da indústria. De forma semelhante, no caso de Colatina, sob o pretexto de uma Crise do Café devido ao atraso das pequenas propriedades, que foram, durante décadas, o motor de acumulação de capital no Espírito Santo, o Estado atuou de forma decisiva no processo de erradicação dos cafezais. Isso conduziu a um processo de concentração de terras, com a expulsão das populações camponesas do campo, sendo mão de obra disponível para a indústria que avançava, principalmente a de vestuário. (Albani, 2022).

Segundo o último censo do IBGE (2023), Colatina possuía cerca de 44.655 pessoas ocupadas formalmente. Desse total, 8.934 trabalham apenas no setor industrial. Ou seja, mais de 20% da população formalmente ocupada de Colatina está presente nesse setor industrial, isso sem a inclusão do trabalho informal ou/e indireto. A maioria dos trabalhadores da indústria, estão inseridos na indústria de transformação, com cerca de 8.431 trabalhadores, representando 94,37% do total de trabalhadores do ramo industrial total da cidade. É dentro dessa indústria de transformação, que está inserido o polo de confecções. Quase 30% de toda essa força de trabalho atua apenas na produção de

³ Bills for Inclosures of Commons - Todo o processo de expropriação e acumulação primitiva descrita por Karl Marx (2013 - Cap. 24 de seu livro O Capital) ocorre no período de mais de um século, e envolveu outras leis, como as leis da legislação sangüinária contra a vagabundagem, mas esse estudo irá se ater a leis de cercamento em razão do foco da análise.

“confeções de artigos do vestuário e acessórios”, sendo 65,84% do gênero feminino, com idade entre 30 e 59 anos. (RAIS, 2024).

De acordo com o IBGE, o Produto Interno Bruto (PIB) do município em 2023 foi de 5,16 bilhões, sendo o setor da Indústria o 2º maior do município, ficando atrás apenas do setor de Serviços. Apesar de sua extensão e da grande necessidade de mão de obra que exige muito esforço físico, essa Indústria mal possui investigações sobre as condições de trabalho presentes nela, e é inexistente investigações sobre a reprodução de sua classe trabalhadora, ou seja, é uma classe é negligenciada e pouco pesquisada.

O polo da confecção tem esse destaque na cidade por possuir um grande número de empresas e trabalhadoras operando. Colatina, no ano de 2012, se tornou oficialmente a “Capital Estadual de Polo de Confeções”, pela Lei n.º 9.786⁴, assinada pelo então governador Renato Casagrande (SETUR, 2012). Essa nomeação ocorreu, pois, o polo industrial de vestuário da cidade é considerado o principal e maior do estado. Conforme informações do IBGE (2023) o município conta com quase 700 empresas ativas nesse ramo no polo de confecções em Colatina, em maior parte sendo Microempresas e Microempreendedor Individual (MEI). Todo esse contexto de surgimento e desenvolvimento da indústria de vestuário e ramo de confecção de Colatina se deu dentro dos moldes da acumulação capitalista, mas sobretudo, como dito acima, após a crise econômica dos anos 1970.

Portanto, essa produção tem como intuito realizar uma análise da relação Estado e Capital a partir da indústria de vestuário de Colatina, mais especificamente, o ramo de confecção, analisando como essa relação pode impactar/ter influência nas condições de trabalho das trabalhadoras da confecção (costura).

Reestruturação da indústria vestuário no Brasil

A partir dos anos 1970, foram observadas grandes mudanças no processo de produção e nas relações de trabalho. Segundo Márcio Lupatini (2007), isso ocorreu devido à crescente atuação do capital em escala cada vez mais global e à introdução progressiva de uma base mais tecnológica nos processos produtivos, o que reduziu — mas não eliminou — a necessidade de trabalho vivo mais imediato. Assim, nas décadas

⁴ Essa norma foi revogada e substituída pela Lei nº 10.974, de 14 de janeiro de 2019, que consolidou o mesmo dizer, mas agora com a legislação em vigor referente à concessão de títulos em homenagem a municípios do Estado do Espírito Santo.

seguintes, o neoliberalismo e a reestruturação produtiva com seu teor extremamente destrutivo, acarretaram inúmeras consequências para a classe trabalhadora. Ricardo Antunes (2000) aponta um gigantesco aumento do desemprego e a ainda maior precarização do trabalho, como as principais consequências, com formas produtivas cada vez mais flexibilizadas, desregulamentadas e terceirizadas. Ou seja, uma superexploração que, segundo o autor, atinge principalmente mulheres e crianças.

Lupatini (2004) faz alguns apontamentos sobre a mundialização do capital e as cadeias produtivas, demonstrando que os grandes monopólios, aqueles que comandavam as cadeias produtivas globais, passaram a utilizar cada vez mais a tática de dividir as etapas da produção em várias partes e a internacionalizar as etapas de menor valor (lucro), atribuindo-as a outras empresas ou a outras regiões/países com mão de obra barata e desorganizada, estabelecendo assim, uma nova divisão internacional do trabalho. Toda essa reestruturação, obviamente, também alcançou a indústria têxtil-vestuário em uma escala global.

E falando especificamente das mudanças ocorridas na indústria de vestuário, o setor que passou por maiores transformações, foi o de corte e desenho, devido à introdução de uma maior tecnologia com fabricação assistida por computador. Já o setor de confecção foi o que menos passou por transformações, pois a função da costura não é automatizada, necessitando de um(a) operador(a), ou seja, necessita de trabalho vivo imediato (Lupatini, 2004).

Concomitantemente, o Brasil passava por transformações em sua indústria de vestuário/confecções. Lupatini (2004) revela que a indústria de vestuário brasileira possui um mercado muito segmentado, principalmente se comparado ao de outros países da periferia do capital, pois abrange empresas de variados portes, com diversos tipos de produtos e de produção, demonstrando a presença da característica heterogeneidade estrutural existente no modo de produção capitalista. O autor ainda afirma que “a confecção é um ramo mais pulverizado no qual coexistem micro, pequenas, médias e grandes empresas” (Lupatini, 2004, p. 82).

Percebe-se assim, que, no decorrer desses processos de acentuação da concorrência em âmbito mundial, com um papel já determinado para os países periféricos nas cadeias globais de valor, que o aprofundamento da flexibilização, a desregulamentação e a terceirização da etapa produtiva, atinge diretamente e principalmente as trabalhadoras do setor. No “Manifesto do Partido Comunista”, Marx e

Engels (2018, p. 49) afirmam que “a burguesia não pode existir sem revolucionar, constantemente, os instrumentos de produção e, desse modo, as relações de produção e, com elas, todas as relações da sociedade”.

Esse contexto auxilia na compreensão da posição e fundação em que se desenvolve a expansão da indústria vestuário no Brasil, e do desenvolvimento do polo de confecção de Colatina, que possui influência não apenas na região noroeste como em todo o estado do Espírito Santo.

Análise do papel do estado na constituição do polo

Um autor que auxilia a problematizar o Estado dentro da dinâmica capitalista e, mais especificamente no caso deste estudo, a partir do processo de reestruturação produtiva e acumulação do capital, é o Pierre Salama, um francês marxista que em seu trabalho intitulado “Estado e Capital: O Estado capitalista como abstração real” argumenta como, para ele, o Estado não é essa “coisa” do lado de fora/acima, como se fosse uma instituição separada da sociedade civil. Ele explica que “[...] quando se considera o Estado e o capital como duas entidades separadas, a primeira mantendo relações com a segunda, não se pode compreender os limites da intervenção do Estado” (Salama, 1980, p. 126), o que pode, de acordo com o autor, levar a uma concepção **tecnicista e instrumental** do Estado. Colocando o Estado nessa posição de instrumento que pode ser usado por quem estiver no poder. O que, conseqüentemente, pode resultar em possíveis conclusões precipitadas de que o Estado poderia, de alguma forma, ser neutro e de que poderia se tornar um instrumento a favor da classe operária. Segundo o autor, o caráter atual do Estado é capitalista.

Salama (1980) argumenta que esse Estado capitalista deve ser visto como “elemento necessário à reprodução da relação de exploração [...]” (p. 127) uma vez que o mesmo existe como uma instituição que garante a troca de equivalentes/mercadorias, ou seja, ao garantir/ter em mãos o controle sobre as regras da troca, ele passa também a ser aquele que garante a troca desigual. Assim, o Estado se mostra como sendo indispensável/necessário para a reprodução da relação de produção dominante. E, para o autor, uma forma de se perceber isso é o posicionamento do Estado perante a forma mais esperada/normal do capital, a crise⁵. Ele afirma que a crise “[...] é necessária para o

⁵ Pierre Salama realiza um maior desenvolvimento sobre os desdobramentos entre crise, capital e Estado, no entanto, fazer essa exposição mais detalhada escaparia aos propósitos deste artigo.

capital. Ela é o meio pelo qual o capital modifica as condições de exploração” (Salama, 1980, p. 133). O Estado, através de várias medidas - muitas vezes violentas -, aparece como um assegurador da modificação e continuação da relação de exploração. Um exemplo prático de tais medidas é a reestruturação produtiva que ocorre com a chegada do neoliberalismo e a expropriação dos meios de produção das massas populacionais – como no caso de Colatina, em que através da legislação o Estado impôs à população rural do município a impossibilidade de sua subsistência em suas propriedades e consequentemente suas entradas na indústria da cidade em meio à crise dos anos 1970, ou seja, renovando e assegurando as relações de exploração em meio à crise.

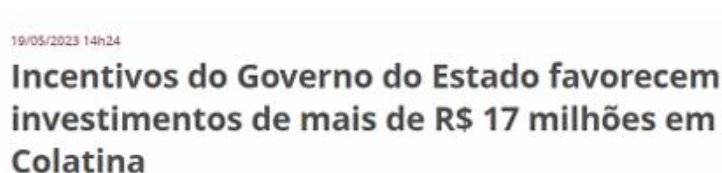
Analisando Colatina e a constituição de sua indústria com a atuação/participação do Estado, através de pesquisas documentais, filtrando os conteúdos de alguns jornais e revistas sobre a indústria de vestuário com palavras-chaves como: polo de confecção; Colatina; Condições de trabalho; foi possível ter acesso a alguns documentos, como matérias jornalísticas que possibilitam uma primeira, mesmo que breve, análise do polo de confecção e sua relação com o Estado. Ao realizar tal pesquisa, logo se evidencia matérias que apontam para uma ação do Estado com foco em ser um agente “preparador” de mão de obra barata para o polo de confecção. Exemplos que aparecem, são matérias jornalísticas como:

Imagem 1:



Fonte: Jornal online: ES Fala

Imagem 2:



Fonte: Site do Governo do Estado do Espírito Santo (GOV-ES)

Imagem 3:

Detentas aprendem e produzem roupas íntimas e de moda praia em curso de confecção dentro de presídio no ES

Iniciativa acontece em Colatina, no Noroeste do Espírito Santo, cidade-polo em confecção capixaba. Peças feitas na unidade são distribuídas para todo o sistema prisional do estado.

Por **Ana Elisa Bassi**, Enzo Teixeira, g1 ES e TV Gazeta
08/03/2025 04h00 - Atualizado há 6 meses

Fonte: Jornal online G1

Das notícias de visitas de grandes empresas, como a multinacional chinesa Shein, dos incentivos fiscais, até as notícias de cursos gratuitos de costura ministrados pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), todas envolvem diretamente a participação do Estado. A visita dos executivos da Shein às empresas do polo de confecção de Colatina foi realizada com a presença do vice-governador do estado, Ricardo de Rezende Ferrão. Os cursos de costura gratuitos ofertados pelo CRAS demonstraram ter como pretensão e público-alvo treinar e preparar meninas a partir de 16 anos que possuíssem o 4º ano do fundamental completo. Sendo um treinamento também ofertado para as mulheres do sistema prisional de Colatina, com a possibilidade de diminuição de pena.

Todo o processo de oferta de capacitação de jovens meninas para o ofício de costureira é completamente “embebido” pelo discurso mitológico do empreendedorismo. Sempre com foco em mulheres e meninas⁶ em condições de marginalização/vulnerabilidade. Um dos principais argumentos encontrados nas reportagens para encorajamento dessas mulheres e meninas, é o de que todo o projeto seria um “incentivo ao empreendedorismo e fortalecimento da autonomia financeira” delas. A Secretaria da Justiça do Estado (2025), em seu site oficial, afirma que projeto de capacitação das detentas,

[...] tem como objetivo assegurar o acesso das mulheres em situação de vulnerabilidade social à educação profissional e tecnológica. Destinado a mulheres a partir de 16 anos em condições de pobreza e com baixo nível de escolarização, o programa busca não apenas oferecer formação técnica, mas também promover o empoderamento feminino [...].

⁶ Todo o debate que envolve a área da confecção é completamente envolto da questão de gênero, uma vez que a costura é um trabalho historicamente delegado a mulheres, no entanto, pelo limite da análise que aqui se pretende dar um maior foco a análise do Estado, essa questão não será mais profundamente analisada aqui.

Vladimir Safatle, em seu artigo intitulado “*A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral*” publicado em 2021, cita um discurso feito por Margareth Thatcher (1949), em que ela defende o neoliberalismo e critica os tributos/ação do Estado, no discurso ela afirma que a “*Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma.*”. E, analisando essa fala, Safatle (2021) discorre sobre como

[...] essa mudança dos corações e mentes teria de ser feita através de doses maciças de intervenção e de reeducação. Isso até o momento em que os indivíduos começassem ver a si mesmos como “empreendedores de si”, isso até o momento em que eles internalizassem a racionalidade econômica como a única forma de racionalidade possível (p. 17/18).

Safatle (2021) afirma que o neoliberalismo, em aparência, critica a intervenção do Estado, principalmente no âmbito econômico, mas que em realidade, em essência, ele quer a intervenção do Estado, mas apenas no âmbito de conflitos sociais e na estrutura psíquica da população. Ou seja, o neoliberalismo quer a intervenção do Estado apenas quando for em benefício próprio, com o intuito de “azeitar/amansar” a população. O neoliberalismo aparece para Safatle (2021), nesse contexto, mais do que apenas um modelo econômico, mas sim como “uma engenharia social” (p.18). E isso permite analisar e identificar, o discurso neoliberal presente no movimento realizado pelo Estado ao disponibilizar cursos gratuitos para um trabalho com grande índice de precarização, com discurso de empreendedorismo e empoderamento para mulheres em condições de pobreza e marginalização. O que, em si, demonstra a contradição desse processo que diz não querer a intervenção do Estado na economia, mas que não existiria sem a mesma.

Salama (1980) também ajuda a pensar tais questões apontando o fato de que essa intervenção pública, ou seja, essa manifestação concreta da intervenção do Estado sempre tem como objetivo final o fato de assegurar a continuação da reprodução da relação de produção capitalista. E que “o Estado capitalista coletivo (em ideia) tem uma função: regenerar o capital [...]” (Salama, p. 138), ou seja, função de garantir a reprodução do processo de acumulação.

Condições de trabalho das trabalhadoras

Muitos são os artigos e estudos que alertam sobre as precárias condições de trabalho nas quais sobrevivem as trabalhadoras do setor da confecção no Brasil, principalmente porque, como afirmam as sociólogas Marcia Leite, Sandra Silva e Pillar Guimarães (2012), muitas das atividades de costura são realizadas em ambiente domiciliar, com má remuneração e com difíceis e perigosas condições de trabalho. Mas não se pode compreender a questão do trabalho em domicílio sem levar em consideração características importantes que os cercam, como a questão de gênero, que está presente na história da confecção desde seu surgimento, como é o caso do polo de confecção de Colatina, já mencionado acima. Isso ocorre sob a luz da divisão sexual do trabalho, pois o ato de as trabalhadoras poderem usar máquinas de costura no espaço doméstico impõe uma interface com a divisão das responsabilidades domésticas, permitindo realizar o trabalho mesmo em meio a outras atividades, principalmente a dos cuidados da casa e com os filhos.

O pesquisador Antônio Carlos Garcia Júnior realizou uma pesquisa sobre as “Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores na Indústria de Vestuário em Colatina – ES”, em 2006, em que ele afirma que 66,4% das trabalhadoras do polo de confecções da cidade são mulheres – o que apoia o recorte de gênero – e que essas estão em maioria na faixa dos 30 a 39 anos de idade. O autor aponta que o setor que mais possui queixas de impactos negativos às condições físicas e psicológicas das trabalhadoras é o setor da costura – ou seja, a parte da confecção – que é o principal setor produtivo da indústria do vestuário, pois concentra o maior número de trabalhadores(as) com a maior carga de trabalho braçal. Que leva o setor a possuir um maior potencial de desgaste à saúde de seus trabalhadores.

Garcia Júnior (2006) demonstra em sua pesquisa que o maior determinante para o perfil de adoecimento e impacto negativo na vida dos trabalhadores do setor é a forma como o trabalho é organizado. Para o autor, “as relações de trabalho e as formas de organização de trabalho encontradas nas indústrias do setor do vestuário de Colatina determinam [...] cargas de trabalho que repercutirão em desgaste, expresso pelas frequências elevadas de distúrbios à saúde dos trabalhadores” (2006, p. 20). Tais desgastes são apontados pela pesquisa como sendo, principalmente, posturas desconfortáveis por conta dos mobiliários inadequados, ritmos de produção acelerados, jornadas longas e repetitivas com esforço físico extenuante, juntamente com a “pressão

pela produção, má remuneração, pouca valorização, pouco espaço, medo de perder o emprego, hierarquia autoritária, etc.” (Garcia Júnior, 2006, p. 30). Em consequência dessas condições de trabalho, as principais queixas que surgem são problemas musculares, respiratórios e psicoemocionais.

As condições de trabalho denunciam a óbvia necessidade de uma maior atenção e pesquisas sobre o polo de confecção de Colatina e sobre as condições de trabalho na qual as trabalhadoras se encontram e, assim, analisar como essas trabalhadoras, inseridas em tais condições são usadas para uma constante e maior acumulação de capital, e como o Estado possui grande influência nesse processo de adoecimento e exploração de sua própria população.

Considerações finais

Analisar, portanto, o papel do Estado na formação e fortalecimento da indústria de vestuário e do polo de confecções de Colatina é essencial para compreender o processo de acumulação do capital e quais são suas ramificações nas vidas das trabalhadoras. O Estado, por meio de incentivos fiscais, investimentos, cursos gratuitos, e até mesmo através da mobilização de trabalho de mulheres encarceradas, ajuda a construir e fortalecer esse polo de produção vestuário em Colatina.

O Estado se mobiliza de forma a facilitar o acesso ao trabalho precarizado, utilizando de discursos meritocráticos e de empreendedorismo, facilitando, assim, a exploração e a apropriação de riqueza social da classe trabalhadora. Apresenta o trabalho precarizado, quase como uma “política social”. Autores como Karl Marx, Pierre Salama e Vladimir Safatle, com suas análises críticas do Estado, ajudam a analisar como o Estado capitalista vem com um movimento de legitimação e de garantidor do processo de reprodução da produção do capital e da acumulação, e, consequentemente, como um garantidor do processo de exploração da classe trabalhadora.

Referências

ALBANI, Vivian. **O circuito espacial produtivo da indústria de vestuário em Colatina (ES): A reestruturação produtiva e os dois circuitos da economia urbana.** 2022.

ALBANI, Vivian. **Trajetória do crescimento da cidade de Colatina.** 2012.

ANTUNES, Ricardo. **Trabalho e precarização numa ordem neoliberal**. In: LA CIUDADANÍA NEGADA: políticas de exclusión en la educación y el trabajo. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

DETENTAS aprendem e produzem roupas íntimas e de moda praia em curso de confecção dentro de presídio no ES. G1 Espírito Santo, 8 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/norte-noroeste-es/noticia/2025/03/08/detentas-aprendem-e-produzem-roupas-intimas-e-de-moda-praia-em-curso-de-confeccao-dentro-de-presidio-no-es.gh.tml>. Acesso em: março/2026.

EXECUTIVOS da Shein visitam fábricas em Colatina nesta quinta-feira. ES Fala, Colatina, 17 2023. Disponível em: <https://www.esfala.com.br/2023/08/17/negocios-a- vista-executivos-da-shein-visitam-fabricas-em-colatina-nesta-quinta-feira/> . Acesso em: março/2026.

GARCIA JÚNIOR, Antônio Carlos. **Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores na indústria do Vestuário em Colatina–ES**. Dissertação de Mestrado do Centro Biomédico UFES, 2006.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Colatina: Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/colatina/panorama>. Acesso em: fevereiro/2026.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Colatina: pesquisas**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/colatina/pesquisa/19/143491> . Acesso em: fevereiro/2026.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Incentivos do Governo do Estado favorecem investimentos de mais de R\$ 17 milhões em Colatina**. Portal do Governo do Estado do Espírito Santo, Vitória, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/incentivos-do-governo-do-estado-favorecem-investimentos-de-mais-de-r-17-milhoes-em-colatina> . Acesso em: março/2026.

LEITE, Marcia de Paula; SILVA, Sandra Roberta Alves; GUIMARÃES, Pilar Carvalho. **O Trabalho na confecção em São Paulo: as novas formas da precariedade**. Caderno CRH, v. 30, n. 79, p. 51-67, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792017000100004> >. Acesso em: maio/2026.

LUPATINI, Márcio Paschoino et al. **As transformações produtivas na indústria têxtil-vestuário e seus impactos sobre a distribuição territorial da produção e a divisão do trabalho industrial**. 2004.

LUPATINI, M. P. Acumulação de Capital e recriação de formas pretéritas de exploração: a particularidade da atividade de vestuário. **CEMARX**, 2007.
MARX, Karl. O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: **Boitempo**, 2013.
MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo.

Lafonte, 2018.

RAIS. Painel de informações Rais: ano-base 2024. Disponível em: < Microsoft Power BI >. Acesso em: fevereiro.2026.

SAFATLE, V. **A economia é a continuação da psicologia por outros meios.** IN: Safatle, V.; Silva Júnior, N.; Dunker, C.(orgs) Neoliberalismo como forma do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SALAMA, Pierre. **Estado e Capital: O Estado capitalista como abstração real.** Estudos CEBRAP 26, São Paulo, 1980 (37p).

SECRETARIA DE ESTADO DE JUSTIÇA DO ESPÍRITO SANTO (SEJUS). **Internas participam de aula prática de costura em unidade prisional de Colatina.** SEJUS ES, Vitória, [s.d.]. Disponível em: <https://sejus.es.gov.br/Not%C3%ADcia/internas-participam-de-aula-pratica-de-costura-em-unidade-prisional-de-colatina> . Acesso em: fevereiro/2026.

SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO ESPÍRITO SANTO. **Colatina Oficialmente a capital do Polo de confecções do Estado.** Setur-ES, [2012]. Disponível em:< [SETUR - Colatina é oficialmente a capital de Polo de Confecções do Estado](#) >. Acesso em: fevereiro/2026.